

LICÃO Nº 11 – A IGREJA E OS JULGAMENTOS

Subsídio elaborado por
Inacio de Carvalho Neto.

E-mail do autor: inacioneto@inaciocarvalho.com.br

Comentários iniciais:

- O ato de julgar está relacionado com a busca da justiça. Mas, ao contrário do que normalmente se pensa, a justiça não é um valor em si, abstrato e inquestionável, como se fosse uma verdade absoluta. Muito ao contrário, a justiça é simplesmente a conformidade da conduta a uma norma legal. Mas, como as normas também não são valores abstratos e inquestionáveis, também não são verdades absolutas, segue-se que “fazer justiça” (julgar) é algo relativo, não absoluto.
- Exemplificando: se uma pessoa comete um determinado delito (ex: um furto), o juiz julga esse fato comparando a sua conduta com a norma que proíbe aquela conduta (no exemplo: art. 155 do Código Penal), aplicando a esse fato a pena que está prevista na norma, de acordo com as regras que a norma estabelece. Isso não significa que seja absolutamente justa a pena aplicada; só significa que ela está de acordo com a norma.
- Frequentemente, fatos que são considerados crime em um determinado País ou época não são considerados crime em outro País ou em outra época. Ex: o adultério já foi considerado crime no Brasil (art. 240 do Código Penal) e hoje não é mais. Isso significa que, antes, se uma pessoa cometesse adultério e fosse sancionada por isso, essa pena seria justa. Mas hoje, se a mesma pessoa cometer adultério e sofrer a mesma sanção, essa pena não será mais justa. Observem, então, que o conceito de justiça é um conceito relativo, não absoluto.
- A pessoa que julga (o juiz) exerce uma postura crítica sobre os fatos que aprecia e, diante da lei, assume um posicionamento. A partir daí, ele emite uma sentença, que pode estar correta ou não (tanto que da sentença proferida pelo juiz sempre cabe algum recurso, para que outro(s) juiz(es) revejam a sentença). O ideal é que a sentença seja sempre justa (ou seja, esteja sempre de acordo com a norma aplicável ao caso), mas nem sempre isso é verdade. Mesmo depois de vários recursos, não é possível garantir que a decisão será realmente justa. Por isso, tem um ditado que diz que o Supremo Tribunal Federal não é necessariamente mais correto que os demais tribunais e juízes inferiores, ele apenas tem o direito de errar por último.
- Toda essa digressão foi feita para demonstrar que nem sempre é errado julgar. A lição irá falar apenas do julgamento ruim, do julgamento errado, do julgamento que não deveríamos fazer. E é deste julgamento que iremos falar com mais detalhes adiante. Mas há também julgamentos bons, julgamentos corretos, julgamentos que devemos fazer. Paulo menciona aos coríntios: “Julgai entre vós mesmos...” (1Co. 11.13). Portanto, há julgamentos corretos, bons, aconselháveis.
- Um primeiro exemplo é o chamado julgamento em nível pessoal, que é aquele que fazemos de nós mesmos, com o propósito de discernir o que estamos fazendo de certo ou errado. Todos temos esta capacidade de avaliar situações, julgar as circunstâncias e tomar decisões, antes de fazermos escolhas. É um julgamento bom, que devemos sempre fazer. Aliás, Paulo mencionou aos coríntios:

“Examine-se, pois, o homem a si mesmo...” (1Co. 11.28). Portanto, este julgamento, além de bom, é recomendável.

- Outro exemplo temos em 1Co. 6: o chamado “tribunal da igreja”, que é a situação em que um cristão tem alguma causa contra outro cristão. Paulo aconselha que seria bom que os irmãos não tivessem causa um contra outro; mas, tendo, que essa causa seja julgada no âmbito da própria igreja, não pelos tribunais mundanos.

- Mas vamos agora adentrar no âmbito da lição propriamente dito, para falar do chamado “julgamento em nível interpessoal”, ou seja, do julgamento que fazemos um do outro, este sim, normalmente um julgamento ruim, errado, desaconselhado.

- Todos conhecemos o Sermão da Montanha, no qual Jesus nos exorta a não julgarmos o nosso irmão. Ao apontarmos o erro de outra pessoa, frequentemente estamos num nível abaixo dela, também cometendo pecados e, portanto, agindo de forma hipócrita.

- Jesus deixa claro (Mt. 7.1-5): “Não julgueis, para que não sejais julgados, porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós. E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu olho? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e, então, cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão”.

- Precisamos aprender e assimilar que não temos a Verdade Absoluta. A minha opinião não é necessariamente a Verdade Absoluta, ainda que eu ache que é.

- Nossa opinião só deve ser emitida quando solicitada e, mesmo assim, devemos emitir nossa opinião com prudência.

- Muitas pessoas fazem julgamentos imprudentes, mas não vivem o que falam. Outros julgam o próximo de acordo com a sua visão de mundo, sendo que a sua visão pode estar afetada por preconceitos.

- Precisamos ter disposição para compreender o próximo e respeitar as diferenças. É assim que valorizamos a nossa trajetória neste mundo, as nossas atitudes e a nossa presença. Agindo assim, será agradável para todos conviverem conosco, porque nossas ações serão significativas.

- Só quem deve julgar os outros é o Verdadeiro Juiz e Senhor de todas as coisas, pois é Ele quem estabelece todas as normas e princípios para o homem. Só quem faz a lei pode exigir que o homem cumpra a Sua lei e estabelecer as formas de observá-la. Cabe a todos nós nos sujeitarmos a Ele. Somos apenas embaixadores do Seu Reino e reproduzimos a Sua palavra, não julgamos.

- Aqui neste mundo temos um sistema de justiça para punir aqueles que descumprem a lei, mas este sistema é falho, porque a justiça humana está baseada nas imperfeições e fraquezas humanas. Os servos de Deus se baseiam na Lei Divina.

- Eis algumas posturas que precisamos assumir quando for necessário julgar algum fato: 1) faça tudo em amor; quem ama não quer condenar seu irmão, mas ajudá-lo; 2) analise tudo à luz da Bíblia (1Ts. 5.21: “Examinai tudo. Retende o bem”); precisamos ter opiniões baseadas na Bíblia, não nos nossos próprios pensamentos; 3) cuidado com as aparências; procure se informar bem para fazer

julgamentos justos (“Não julgueis segundo a aparência, mas julgai segundo a reta justiça” – Jo. 7.24); 4) olhe para você mesmo antes de falar; se você não for um bom exemplo dos princípios que defende, admita e se corrija antes de falar; 5) seja sincero, mas compreensivo; sinceridade sem compreensão, sem compaixão, é só falta de educação mesmo; 6) seja tolerante; tolerar é suportar em amor quem age de maneira que você acha errada; não é concordar em ficar calado, mas também não podemos ser intolerantes; 7) evite polêmica; a controvérsia muitas vezes leva à troca de palavras duras e divisões entre pessoas; neste caso, o melhor a fazer é abandonar a controvérsia, deixar quem quer confusão falando sozinho (“Mas, se alguém quiser ser contencioso, nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus” – 1Co. 11.16).

- Em suma, não é que não possamos julgar os outros; o que realmente não podemos é condenar os outros. Precisamos julgar os outros com a mesma condescendência com que julgamos a nós mesmos. Normalmente, quando nos julgamos, somos condescendentes com os nossos erros, com as nossas falhas, aceitando nossas explicações para a maneira como agimos desta ou daquela maneira. Precisamos agir da mesma forma com relação aos outros, procurando aceitar as suas explicações (e, para aceitarmos as explicações das pessoas, precisamos primeiro ouvir as suas explicações; e, portanto, não podemos julgar antes de ouvir a versão da pessoa).

- Também precisamos analisar qual o tipo de fruto que as pessoas produzem, o que envolve discernimento. Lembrando que é pelo fruto que conhecemos as pessoas. Muitas pessoas parecem inofensivas, mas acabam nos influenciando para maus caminhos, pois muitos se enganam com a aparência. Devemos julgar os frutos para não permitirmos a influência enganosa. Há muita gente fingindo que é cristão, tendo aparência de pessoa espiritual, mas são lobos devoradores, querendo nos levar para o caminho da perdição. Vejamos o conselho de Jesus em Mt. 7.15-20: “Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores. Por seus frutos os conhecereis. Porventura, colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos, e toda árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa dar maus frutos, nem a árvore má dar frutos bons. Toda árvore que não dá bom fruto corta-se e lança-se no fogo. Portanto, pelos seus frutos os conhecereis”.

- Isso não significa que você não vai se envolver com ninguém que esteja em condição espiritual inferior à tua. Ao contrário, podemos e devemos nos envolver com essas pessoas, para influenciá-las, para trazê-las para mais perto de Cristo. Mas precisamos tomar cuidado para que elas não nos levem para mais longe de Cristo. Então, esteja sim próximo de alguém que não está bem, desde que você veja que é possível fazer essa pessoa melhorar. Mas fuja daqueles que não se deixarão influenciar para o bem; que só querem é te influenciar para o mal.

- Precisamos cuidar com os julgamentos segundo a aparência, especialmente quando eles revelam preconceito. Temos um exemplo bíblico bastante relevante nesse aspecto: “E rogou-lhe um dos fariseus que comesse com ele; e, entrando em casa do fariseu, assentou-se à mesa. E eis que uma mulher da cidade, uma pecadora, sabendo que ele estava à mesa em casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento. E, estando por detrás, aos seus pés, chorando, começou a regar-lhe os pés com lágrimas, e enxugava-lhos com os cabelos da sua cabeça e beijava-lhe os pés, e ungiu-lhos com o unguento. Quando isso viu o fariseu que o tinha convidado, falava consigo, dizendo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, pois é uma pecadora. E, respondendo, Jesus disse-lhe: Simão, uma coisa tenho a dizer-te. E ele disse: Dize-a, Mestre. Um certo credor tinha dois devedores; um devia-lhe quinhentos dinheiros, e outro, cinquenta. E, não tendo eles com que pagar, perdoou-lhes a ambos. Dize, pois: qual deles o amará mais? E Simão, respondendo, disse: Tenho para mim que é aquele a quem mais perdoou. E ele lhe disse: Julgaste bem. E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês tu esta mulher? Entrei em tua casa, e não me

deste água para os pés; mas esta regou-me os pés com lágrimas e me enxugou com os seus cabelos. Não me deste ósculo, mas esta, desde que entrou, não tem cessado de me beijar os pés. Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta ungiu-me os pés com unguento. Por isso, te digo que os seus muitos pecados lhe são perdoados, porque muito amou; mas aquele a quem pouco é perdoado pouco ama. E disse a ela: Os teus pecados te são perdoados. E os que estavam à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este, que até perdoa pecados? E disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz” (Lc. 7.36-50). Vejamos então que o fariseu julgou a mulher pela aparência, com preconceito. Mas Jesus, que conhecia o coração dela, enxergou ali o seu ato de adoração, o sacrifício que ela pode ter feito para adquirir o perfume e demonstrar o quanto amava Jesus.

- Agora, no que tange ao destino da pessoa, à sua salvação, nenhum julgamento de nossa parte é cabível. Cabe apenas a Deus condenar ou absolver alguém. Nosso dever é tão-somente pregar o Evangelho para as pessoas, não devemos jamais dizer que alguém vai para o inferno.

Texto Áureo: